

**Brás Cubas nas Memórias do Subsolo: ironia e religião**

Bras Cubas in the Notes from Underground: irony and religion

Viviane de Sousa Rocha¹Mara Conceição Vieira Oliveira²

Resumo: Este artigo terá a religião, a ironia e a literatura presentes como temática, e o conceito de Kierkegaard sobre ironia e a religião e em Tillich aplicados aos dois grandes representantes da literatura do século XIX, Fiódor Dostoiévski e Machado de Assis. Os aspectos religiosos e as dimensões irônicas são analisados nas obras *Memórias do Subsolo* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Este artigo metodologicamente estabelece diálogo entre religião e literatura com análises a partir das referências bibliográficas.

Palavras-chaves: Religião. Literatura. Ironia. Dostoiévski. Machado de Assis.

Abstract: This article will have religion, irony and literature having Kierkegaard definition of irony as theme and the religion in Tillich applied to the great representatives of the nineteenth-century literature, Fyodor Dostoiévski and Machado de Assis. Religious aspects and ironic dimensions are analyzed in their books *Notes from Underground* and *The Posthumous Memoirs of Brás Cubas*. This article methodologically draws a dialogue between religion and literature based upon bibliographic references.

Keywords: Religion. Literature. Irony. Dostoiévski. Machado de Assis.

Introdução

Os objetos de pesquisa deste artigo são os textos dos representantes da literatura do século XIX, Dostoiévski e Machado de Assis em suas respectivas obras: *Memórias do Subsolo* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, sobre as quais se pretende estabelecer uma análise entre os aspectos religiosos e os índices literários que revelam a

¹Mestranda em Ciência da Religião na Universidade Federal de Juiz de Fora na área de Filosofia da Religião (2021). Especialista em Ciência da Religião/UFJF. Especialista em Teologia. Especialista em Estudos Literários. Especialista em Ensino de Língua Portuguesa. Professora da Rede Municipal de Juiz de Fora. E-mail: visrocha1977@gmail.com

²Doutorado em Letras pela Universidade Federal Fluminense, graduação e mestrado em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Professora e pesquisadora na área de Letras, com ênfase em pesquisas sobre Teoria Literária e Literatura Comparada; no ensino de Língua Portuguesa, como docente, tem experiência da educação básica à pós-graduação. maravioli@yahoo.com.br



ironia e a presença da religião na literatura de ambos. A referência teórica para sustentação da análise sobre aspectos do conceito de ironia e de religião será pautada, principalmente, em Kierkegaard e contará, ainda, com outros autores como Paul Tillich, para o conceito de fé e religião, e Bloom, para a literatura. Segundo Bloom (2003), Dostoiévski e Machado de Assis representam dois grandes gênios dentre os 100 autores mais criativos da história da literatura.

Ressalta-se que a presente temática não se insere em um campo novo de pesquisa, pois já há tradicionalismo na aproximação entre Literatura e Religião. Neste sentido, Manzatto (2006) afirma que “há tempos vêm sendo trabalhadas, no Brasil, e com real proveito e interesse, as relações entre teologia e literatura, sobretudo nos programas de pós-graduação em Ciências da Religião e Teologia” (MANZATTO, 2006, p. 10). O autor ainda afirma que:

O diálogo entre teologia e literatura tem sido incentivado nos últimos anos por estudos que se fazem sobre a interface deste relacionamento. Tanto no campo da literatura quanto no campo da teologia, e das ciências da religião de maneira ainda mais sensível, tais estudos se multiplicam explorando este campo que se constituiu há não muito tempo atrás. Embora encontremos traços desta relação em épocas passadas, mais recentemente é que as possibilidades desta inter-relação foram sendo perscrutadas, analisadas, estudadas. (MANZATTO, 2006, p. 9).

A relação entre religião e literatura não remonta mais de trinta anos, quando passou a haver a incorporação dos estudos linguísticos e literários nos meios acadêmicos (e nos estudos bíblicos) e a criação de escolas de pós-graduação, inclusive em Ciências da Religião (PROENÇA, 2012). Magalhães (2009) afirma que “[...] o curso de Letras normalmente não inclui a Bíblia entre os clássicos, desconhecendo e formando desconhecimento da Bíblia como fonte da literatura mundial” (MAGALHÃES, 2009, p. 131), sendo que, no contexto acadêmico brasileiro é pequena a presença de estudos sobre a relação entre a Bíblia e a Literatura. O autor acrescenta ainda que haja motivo para esses obstáculos:

A Bíblia como literatura encontra obstáculos para essa compreensão. O primeiro motivo é que a Bíblia foi vista, por alguns, como livro da instituição religiosa, e não como livro da cultura e de processos



civilizatórios complexos. [...] Esta dificuldade existe de ambos os lados, seja pelos que se consideram guardiães da Bíblia como livro sagrado e inspirado, seja pelos que se julgam defensores de uma crítica literária que não reconhece o tema da religião como constitutivo e estruturante de parte da literatura ocidental. (MAGALHÃES, 2009, p. 130).

Izabella Maddaleno (2018), em artigo para a revista *Sacrilegens*, expõe sobre a presença da Bíblia nos textos: “Machado ao dialogar com a tradição religiosa, revisitou, muitas vezes, a *Bíblia*, utilizando de suas temáticas, a fim de construir o seu próprio texto” (MADDALENO, 2018, p. 331-332). Sobre *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Bosi (1994, p. 177) considera que a obra é vista como “divisor de águas da obra machadiana [...]”, sendo assim explicita Bosi que: “assumi, naquele livro capital, o foco narrativo, na verdade passou ao defunto-autor como o despejo dos que já nada mais tem as peças de cinismo e indiferença com que via montada a história dos homens”; uma outra perspectiva para observar a postura humana diante da vida e da morte. Isso levaria à literatura a “necessariamente” estabelecer reflexões com/sobre religião. Conforme Proença (2017), “sua portentosa obra de ficção tem sido virada ao avesso, pelas mais diferentes motivações. A religião não recebeu ainda dos críticos a atenção que merece” (PROENÇA, 2017, p. 170). Proença cita seis estudos sobre religião em Machado de Assis e considera essa investigação, ainda, parca; possivelmente, havendo muito a ser explorado e investigado pelos críticos literários neste campo.

Apesar de a religião ser considerada tema de menor grandeza em Machado, já mereceu estudos, ainda que parcos [...]. A religião não é tema de menor expressão em Machado de Assis, que a retrata com pena atenta aos movimentos inconfessáveis da alma humana. É sob inspiração literária e filosófica que personagens e práticas religiosas são retratadas em sua ficção [...] (PROENÇA, 2017, p. 171 e 183).

Ao falar sobre o diálogo de Machado de Assis com a tradição religiosa, Teresinha Silva (2013) endossa a importante tarefa de estudar o diálogo entre literatura e religião para melhor compreender o autor e afirma que “[...] sua presença na obra machadiana é por demais recorrentes, e, portanto, também procuraremos explicitar o quanto é importante estudarmos esse diálogo para uma compreensão maior do escritor”



(SILVA, T., 2013, p. 334).

Nesse sentido, delineou-se, aqui, como objetivo, analisar os aspectos religiosos e a ironia a partir das respectivas obras de Dostoiévski e de Machado de Assis: *Memórias do Subsolo* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, tendo como base o referencial teórico de Kierkegaard.

Para o desenvolvimento desse estudo utilizou-se, quanto ao procedimento metodológico, à pesquisa bibliográfica, no sentido de reunir as informações e dados que servirão à construção da investigação proposta, selecionando, em coerência com o tema central do estudo: religião e ironia, críticos, teóricos e as duas obras literárias objeto de análise aplicada. Quanto ao tipo, a pesquisa será comparativa na aproximação das obras clássicas literárias.

1. O conceito de ironia em Kierkegaard

Para Kierkegaard, o primeiro a formular o conceito de ironia foi Sócrates. Ironia para Kierkegaard é algo contraditório. Significa dizer algo que, na verdade, diz algo diferente, por isso a linguagem é o que importa nesta observação, em específico, aqui, a linguagem literária. Muitos exemplos de ironia podem ser constatados no primeiro capítulo de *Memórias Póstumas*. É digna de nota a passagem do defunto-autor, Brás Cubas, observador supostamente imparcial de sua vida que, ao narrar a própria morte, comenta o discurso lacrimoso de seu amigo proferido à beira de sua cova. A ironia de *Memórias Póstumas* e em variadas estratégias em que “se encontra, talvez, a mais poderosa engrenagem machadiana, na qual diferentes dentes e modalidades de ironia se encaixam, de forma sem paralelo na literatura brasileira do século XIX, para fazer funcionar a máquina literária polifônica” (GUIMARÃES, 2009, p. 290). Por ser uma memória póstuma se configura, assim, em uma ironia. Interessa notar que o narrador de *Memórias Póstumas* é um narrador defunto e o defunto narrador já no título é irônico. A relação entre a vida e sua finitude se faz presente ironicamente.

Sobre a questão da religião e da finitude, Roos (2020) esclarece que, segundo Kierkegaard, a relação dialética entre finitude e infinitude é crucial para a compreensão da existência humana e do seu conceito de religião que parte dessa relação.



Kierkegaard parte do pressuposto de que finitude e infinitude são constituintes do eu, a má relação entre esses polos constitui uma perda do si mesmo e, conseqüentemente, uma perda de sentido existencial. O conceito de religião de Kierkegaard parte necessariamente do reconhecimento, pelo indivíduo, dessa desarticulação do eu e de suas conseqüências (ROOS, 2020, p. 12).

Paul Tillich (2009) cita Kierkegaard, ao explicitar que “a existência é a síntese do infinito e do finito” (TILLICH, 2009, p. 145). E expõe que “essa síntese é justamente o oposto da identidade. É a base do desespero existencial [...]” (TILLICH, 2009, p. 145). Quanto ao tema da finitude, será trazido à baila no texto de Machado de forma filosófica e irônica; pois, busca-se transcender a morte. Segundo Roos (2020): “Vivemos na finitude e na temporalidade e constantemente construímos conceitos, imagens e símbolos que transcendem a finitude, ou que apontam para a transcendência, e isso, pelas mais diferentes razões” (ROOS, 2020, p.11). Essas indagações percorrem as narrativas que buscam elementos atenuantes de toda dor e incerteza que ronda os mistérios entre vida e a morte, o amor e a dor. As religiões, cada uma na sua perspectiva doutrinária, constroem seus discursos na tentativa de responder, ainda que provisoriamente, as grandes questões que interrogam a vida humana.

O conceito de religião, pensado a partir da relação ontológica e existencial entre finitude e infinitude considerado neste estudo, leva em consideração a noção de religião em Tillich, quem denomina esse desenho contraditório da própria existência humana como “preocupação última”, ou seja, uma preocupação última, incondicional, “[*ultimate concern*] manifesta em todas as funções criativas do espírito bem como na esfera moral na qualidade de seriedade condicional que essa esfera exige” (TILLICH, 2009, p. 44).

Segundo Tillich, aquilo que toca o ser humano, incondicionalmente, diz respeito a suas preocupações espirituais, sejam estéticas, sociais, políticas ou cognitivas e diz respeito àquilo que o autor chama de “preocupação última” ou preocupação suprema, religião como sentido da existência humana e Deus é seu nome, “preocupação suprema está presente em todas as demais preocupações” (TILLICH, 2009, p. 83). Não está atrelada à religião institucional apenas. Roos (2020) pontua que dois aspectos andam sempre juntos com relação ao que toca alguém incondicionalmente a partir de



Tillich e Kierkegaard:

O que Kierkegaard e Tillich percebem com bastante clareza é que fé é aquilo que dá unidade ao ser humano. Nesse sentido, jamais poderia ser restrita a formas de resignação, que constituem justamente o abandono de esferas constitutivas da vida humana, como a paixão, o histórico, o finito, o corpo. A unidade articulada na fé, contudo, nunca é plena sob as condições da existência. De qualquer modo, e enfatizando um argumento central para este texto, a fé não nega, mas ressignifica a existência humana como um todo (mesmo que não de forma total), incluídos aí, evidentemente, a finitude, a temporalidade e o corpo (ROOS, 2019, p. 21- 22).

Dentre as inúmeras formas de expressão presentes na Filosofia, consideramos, portanto, para esta reflexão a ironia, e a religião conceituada a partir da questão da finitude e infinitude, posta acima e visto que os defuntos não têm memória e, ao tê-la, como no caso da narrativa Machadiana, implica em uma contradição cuja ironia pode remeter a determinados discursos religiosos, quando estes recorrem à fé na tentativa de explicar o não explicável, ou apontar para o transcendente, em textos literários, pelos símbolos para romper a materialidade, a finitude e ir além, dando sentido a condição humana. Em Machado, faz-se, ainda, presente a religião em abundantes citações bíblicas. Assim, a literatura trata, frequentemente, de temas filosóficos e suscitam questões que são relevantes para o conhecimento humano e da religião.

Segundo Marcondes (1997), a filosofia está presente “nos poetas gregos como Homero e Hesíodo, assim como nos tragediógrafos como Ésquilo e Sófocles quando discutem o destino, a natureza humana, a morte, a justiça, o amor e a virtude” (MARCONDES, 1997, p. 273). Do mesmo modo, “há filosofia em Shakespeare, em Miguel de Cervantes e em Goethe. Filósofos também usaram a poesia e o romance para expressar suas ideias como Parmênides na Antiguidade, Voltaire, Diderot e Rousseau no pensamento moderno” (MARCONDES, 1997, p. 273). E ainda, esclarece Marcondes (1997), “a filosofia pode ser encontrada também em outras formas de expressão e de discurso que não consideramos, de imediato, filosóficas. A poesia, o drama, o romance tratam frequentemente de temas filosóficos [...]” (MARCONDES, 1997, p. 273). Isso demonstra que o estabelecimento da tradição filosófica e a definição do que é uma obra de filosofia ou qual o estilo próprio do filosofar são muitas vezes arbitrárias, as



fronteiras nem sempre são claramente definidas, podendo existir filosofia em textos poéticos ou literários, e haver literatura em textos filosóficos, momentos de ruptura e transição (MARCONDES, 1997).

Percebe-se que a ironia, tanto para a Filosofia quanto para a Literatura, pode constituir um elemento de crítica e reflexão interdisciplinar no entendimento e conhecimento destas áreas e no modo como elas pensam a cultura e história humana das religiões.

2. A ironia nas obras analisadas de Machado e Dostoiévski

Nos dois autores encontramos referências a aspectos da religião e modos de expressão em que a ironia está presente. Trechos das obras literárias conversam com a filosofia na medida em que buscam ou sugerem compreender o sentido e os significados relativos à vida e à morte. Assim, as disciplinas se aproximam e tanto há filosofia na literatura, quanto literatura e poesia em Søren Kierkegaard. Neste ínterim, residirá nossa crítica literária, a seguir.

2.1 Memórias Póstumas de Brás Cubas

Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, quando o romancista assumiu o foco narrativo, “na verdade passou ao defunto-autor, [...] com o despejo dos que já nada mais temem, as peças de cinismo e indiferença com que via montada a história dos homens” (BOSI, 1994, p. 177). A mortalidade é, assim, um tema em Machado, segundo Bloom (2003): “O verdadeiro tema de Machado é a nossa mortalidade, o que não constitui assunto para descaso e gracejo; no caso de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o tema enseja uma perspectiva, ao mesmo tempo, distanciada e hilária” (BLOOM, 2003, p. 687).

Memórias Póstumas de Brás Cubas é um romance publicado em folhetins primeiramente, no ano 1880, a obra é considerada um divisor de águas da trajetória machadiana. Segundo críticos como Bosi, o olhar com que Machado de Assis lança a sociedade fluminense de seu tempo mostra o sistema escravista com a permanência da



estrutura social injusta e inova, ao narrar com a voz do narrador defunto. “A revolução dessa obra, que parece cavar um fosso entre dois mundos, foi uma revolução ideológica e formal: aprofundando o desprezo às ideologizações românticas e ferindo no cerne o mito do narrador onisciente (...)” (BOSI, 1994, p. 177). E esclarece Bosi que “da pesquisa bem lograda das *Memórias* saíram duas obras-primas que deram a Machado de Assis um relevo na história do romance à altura de seus mestres europeus, *Quincas Borba* e *Dom Casmurro*” (BOSI, 1994, p. 181).

Bloom (2003) relata ser ironicamente uma perspectiva luso-brasileira branca, bastante decadente, a adotada pelo autor Machado, mulato e neto de escravos, porém sua perspectiva é branca. Teresinha Silva (2013) aponta “um sentimento íntimo relacionado ao seu tempo e ao seu país que compareceria nos seus romances [...]” (SILVA, T., 2013, p. 336). Já Santos (2015) explica que os leitores de Machado reconhecem a relação de sua literatura com o niilismo, galhofeiradamente identificado na expressão “Voluptuosidade do Nada”, conforme o delírio de Brás Cubas. O sentimento íntimo relacionado à sua época, ao seu país é presente na sua obra em uma perspectiva brasileira branca irônica da mortalidade.

O livro, conforme Proença (2012) apresenta muitas citações bíblicas desde o início até o fim: “nos romances, há abundante utilização da Bíblia. Em *Memórias Póstumas*, por exemplo, ela está presente desde o primeiro capítulo (menção a Moisés e ao pentateuco [...])” (PROENÇA, 2012, p. 40). Pode-se notar a relação clara com o relato da morte de Moisés na Bíblia. Percebe-se que há um intenso diálogo com a Bíblia e a tradição religiosa. Segundo Teresinha Silva (2013), “não há como ignorar que a religião é um tema recorrente nos seus escritos” (SILVA, T., 2013, p. 345). No entanto, a perspectiva histórica da narrativa de Machado situa a condição do narrador defunto de modo irônico. Brás Cubas terá uma infância caracterizada como a de todo membro da sociedade patriarcal brasileira da época, e marcada por privilégios e caprichos patrocinados pelos pais. O garoto tinha como “brinquedo” o escravo negrinho Prudêncio, que lhe servia de montaria e para maus-tratos em geral. Na escola, Brás era amigo de Quincas Borba, que aparecerá no futuro defendendo o humanismo³.

³ O humanismo é uma ideia que aparece em outro livro de Machado de forma mais clara, em *Quincas Borba*. Pode se referir a expressão: “ao vencedor as batatas”, e fazer referência, ter influência da teoria



Harold Bloom (2003) sinaliza o contexto do Brasil em que,

Machado escreve a sua obra prima, em 1880, um momento escravagista do país. Ele próprio, neto de escravos libertados, ironista genial, jamais ataca a sociedade diretamente, mas através de uma comédia astuta e um niilismo intimidante (BLOOM, 2003. p. 692).

Assim, Fiódor Dostoiévski e Machado de Assis não passaram despercebidos ao niilismo do séc. XIX cada um na sua realidade cultural, em formas distintas de entender e conceituar o niilismo, a ironia e muitas questões filosóficas registradas em suas obras. Segundo Santos (2015), ao revelar a Brás Cubas “espera-te a voluptuosidade do nada” (SANTOS, 2015, p. 222), Pandora cunha um horizonte próprio de discussão do problema filosófico do niilismo, e Bloom (2003) expõe que “Dostoiévski, ávido pupilo de Shakespeare, talvez seja o Shakespeare dos romancistas, porquanto seus principais personagens vibram consciência cuja energia parece Shakespeariana” (BLOOM, 2003, p. 802). Em ambos os autores há a presença da consciência de uma época, mas também, a sutileza linguística literária de por meio de ironia dizer e desdizer. Ironia e religião presentes na literatura com paradoxos e complexidades assim como a vida e a existência.

Nas relações amorosas, outra ironia atravessa a experiência do narrador que tendo vivido rodeado de “amores”, por exemplo, Marcela (a prostituta) e Vírgilia (a amante), no final de sua vida, morre sozinho e com poucos amigos, inclusive. Uma contradição na caminhada de alguém que ora está rodeado de pessoas, ora solitário e macambúzio, delineando o paradoxo da própria existência humana em Brás.

Brás Cubas é um narrador-personagem solitário, assim como o narrador-personagem de Dostoiévski; ambos ironicamente não chegam a nada: “Não consegui chegar a nada” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p.17). Do mesmo modo, no último capítulo, Machado de Assis coloca seu narrador de primeira pessoa a declarar: “Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento” (MACHADO DE ASSIS, 1994, p.143). Revela sua miséria humana diante das expectativas criadas pela sociedade a respeito daquilo que um homem deva conquistar. Ele enumera as suas não conquistas e o tom de não as

de Charles Darwin, ou seja, de que na luta pela sobrevivência, vence sempre o mais forte.



ter conquistado sugere um misto de alívio e/ou lamento, caracterizando a contradição própria da ironia. Para Bloom (2003), “O ceticismo de Brás Cubas, na prática, configura um niilismo em que toda a realidade, inclusive *eros*, resulta em nada” (BLOOM, 2003, p. 690). Uma experiência que coloca o leitor dos dois grandes clássicos diante das questões que interrogam todo ser humano mediante os mistérios que envolvem vida e morte, ou mesmo: a (in)finitude.

Nas relações com os outros personagens, nos amores, na efemeridade do momento das memórias, assim como na “voluptuosidade do nada” e no vazio de suas existências, evoca pistas de leitura para o niilismo e recorre à ironia. Tecendo, pois, a comparação, em Dostoiévski, o narrador-personagem não nomeado, é o “homem do subsolo”. Esse modo de não o nomear ou de tratá-lo já antecipa a intrigante ironia presente no romance de memórias. Gênero que, inclusive, caracteriza ambos os clássicos.

2.2 Memórias do Subsolo

Sobre *Memórias do Subsolo*, Manuel da Costa Pinto, na contracapa da própria obra diz que Dostoiévski inaugura uma nova fase na literatura ocidental. Nas primeiras páginas de *Memórias do Subsolo*, Boris Schnaiderman, tratando sobre a tradução, explica o título: a escolha por *Memórias do Subsolo* e não *Notas do Subterrâneo como em outras traduções* (DOSTOIÉVSKI, 2009).

A partir do título já se pode tecer uma breve reflexão sobre não apenas do que tratará as “Memórias”, mas da sua relação com o campo semântico religioso e a figura de ironia. Sabemos que enquanto gênero textual, o relato de memórias é sempre escrito em primeira pessoa tal como temos em: *Memórias de Brás Cubas e Memórias do Subsolo*. O autor Bloom (1994) explana que:

Vir depois de Shakespeare, que escreveu a melhor prosa e a melhor poesia na tradição ocidental, é um destino complexo, uma vez que a originalidade se torna singularmente difícil em tudo que mais importa: a representação de seres humanos, o papel da memória no conhecimento, o alcance da metáfora na sugestão de novas possibilidades para a linguagem (BLOOM, 1994, p. 19).



Percebe-se, pois, que a narrativa construída a partir de memórias ganha na literatura uma dimensão metafórica, por meio da qual as possibilidades de representações para o conhecimento humano sugerem novos sentidos e interpretações. O texto literário se torna objeto de crítica e problematização de questões frequentemente levantadas pela Filosofia. Na metáfora e nos simbolismos linguísticos está a ironia, mas também a ponte para a leitura da religião na existência humana e nas questões que nos interrogam de forma última. Joseph Frank (1992) expõe que:

A visão corrente de Dostoiévski é a de um escritor que viveu na Rússia e meados do século XIX, que escreveu dentro das convenções do realismo, como Balzac, Dickens e outros contemporâneos seus, mas, é claro, com sua originalidade inimitável, e que se preocupava profundamente com as emoções humanas a psicologia humana, e com os problemas sociais de seu mundo e sua época. [...] Deve-se olhar, segundo Jones, para a literatura contemporânea de nossos dias [...] O que fascina Jones em Dostoiévski é essa relação com o presente [...] (FRANK, 1992, p. 185-186).

Memórias do Subsolo, ainda que seja reconhecida como novela, apresenta em sua estrutura a complexidade própria dos romances. O narrador-personagem que se mostra humano é contraditório em sua humanidade, transmitindo isso para o texto, ao narrar a própria história. Disso decorre, apenas, um ponto de vista: o universo negativo de palavras usadas por ele para se descrever. O narrador de *Memórias do Subsolo* é de primeira pessoa e, assim, inicia sua fala: “Sou um homem doente [...] Um homem mau. Um homem desagradável. Creio que sofro do fígado.” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p.15), mas é importante notar que ele continua a se descrever e “finge ser um homem mau”. No primeiro capítulo lemos:

Menti a respeito de mim mesmo quando disse, ainda há pouco, que era um funcionário maldoso. Menti de raiva. Eu apenas me divertia, quer com os solicitantes, quer com o oficial, mas na realidade, nunca pude tornar-me mau. A todo momento constatava em mim a existência de muitos e muitos elementos contrários a isso. [...] Não consegui chegar a nada, nem mesmo tornar-me mau: nem bom nem canalha nem honrado nem herói nem inseto (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 17).

O narrador anônimo contraditório traz “aquela subjetividade agressiva e torturada do narrador personagem” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 11). Já no prefácio do



livro expõe sobre o narrador e suas características. E o narrador personagem não identificado por um nome ainda se descreve desagradável, contraditório e mentiroso. No final do livro, a fala do narrador de primeira pessoa passa para terceira pessoa. Distancia-se do narrador do subsolo. “Mas chega; não quero mais escrever 'do subsolo'(...) Aliás, ainda não terminaram aqui as 'memórias' deste paradoxalista...” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 147).

Em ambos os textos *Memórias de Brás Cubas* e *Memórias do Subsolo*, o narrador é personagem⁴. Em Dostoiévski, o “homem do subsolo” expressa as contradições humanas, suas ironias e atitudes que as religiões e ou a filosofia tentam explicar, ou seja: o que é ser bom ou mau? O que representa a raiva, o belo, o sublime, a maldade, a agonia, a mentira, o ódio? Nesse sentido, Pondé (2003) caracteriza o narrador personagem de Dostoiévski como agoniado por conta do exercício da razão levado ao paroxismo, elementos que neste estudo comparativo, aproximamos das questões tematizadas pela área da Filosofia da Religião:

Os personagens de *Memórias*, que não tem nome, Raskolnikov e Ivan karamazov- este último considerado pelo autor como o maior de todos os personagens que já criou, como diz em suas correspondências – formam uma espécie de trilogia dos agoniados na obra de Dostoiévski, agoniados por conta do exercício da razão levado ao paroxismo (PONDÉ, 2003, p. 201).

Sobre a negatividade, Bloom (1994) expõe que outros autores antes de Dostoiévski criaram personagens niilistas, Shakespeare é o centro do Cânone Ocidental e seu personagem: “Edmundo tem garra, grande humor, enorme intelecto, e uma gélida alegria, levando sua animação aos domínios da morte. Também não tem nenhum grande afeto, e talvez seja a primeira figura na literatura a manifestar as qualidades de niilistas Dostoiévskianos...” (BLOOM, 1994, p. 56). Pode-se inferir, a partir das observações, que o narrador de *Memórias do Subsolo* seja um narrador personagem niilista, sem, no entanto, significar que o autor Dostoiévski seja um niilista, claro, mantidas aqui a distinção entre autor e narrador.

⁴ Como reitera Gancho (1995), sabemos que narrador e autor não se confundem. Os autores constroem diferentes narradores para suas obras (1ª. ou 3ª. pessoas), por isso importante percebê-lo como mais um elemento da ficção.



Em nota de F. M. Dostoiévski já é inovadora na divisão da obra em duas partes: primeira parte - *O Subsolo*; segunda parte - *A propósito da neve molhada* 'memórias' do narrador personagem sobre alguns acontecimentos de sua vida. A novela faz, então, menção ao texto de Tchernichevski *O que fazer*, e ao período do romantismo alemão e ao que procedia do ocidente. Conforme as notas do tradutor em linguagem popular, dizia-se “alemão” tudo o que procedia do Ocidente. *Memórias do Subsolo* foi um desdobramento de sua crítica da civilização moderna, já esboçada em *Notas de Inverno sobre Impressões de Verão* (CABRAL, 2016).

O Subsolo que é descrito não é só o quarto, “tenho um quarto ordinário” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 17), mas, a sua condição humana no texto na primeira parte que possui o Título de “1. O Subsolo”, aparece como é descrito pelo narrador personagem:

Mas é exatamente neste frígido e repugnante semidesespero, nesta semicrença, neste consciente enterrar-se vivo, por aflição, no subsolo, por quarenta anos; nesta situação intransponível criada com esforço e, apesar de tudo, um tanto duvidosa, em toda esta peçonha dos desejos insatisfeitos que penetraram no interior do ser; em toda esta febre das vacilações, das decisões tomadas para sempre e dos arrependimentos que tornam a surgir um instante depois, em tudo isto é que consiste o sumo daquele estranho prazer de que falei (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 24).

Em torno de uma seleção de palavras que sugerem se contradizer nas aproximações, por exemplo, entre “febre das vacilações” e “decisões tomadas para sempre”, as memórias revelam ironicamente as incertezas humanas.

3. Os Personagens

Em *Memórias do Subsolo*, é interessante destacar o próprio narrador não nomeado. Isso o aproxima de cada um dos leitores, tornando-o caracteristicamente mais universal e humano. Já os outros personagens, em sua contraditória e humana ironia existencial são apresentados com seus defeitos.

Segundo Joseph Frank (1992), Dostoiévski é perspicaz em encarar os fatos a respeito dos camponeses russos e não sentimentalizar, embelezar ou retocar sua



ignorância, atraso e, algumas vezes, sua terrível crueldade. Ele é capaz de entender, ao mesmo tempo, que esses aspectos repulsivos de suas vidas eram o resultado da antiga opressão sob a qual eles foram obrigados a sobreviver. Os criados do narrador do subsolo eram empregados desagradáveis que ele odiava. Apolón: “Este calhorda” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 125), e a criada: “A minha criada é uma aldeã velha, ruim por estupidez, e, além disso, cheira mal” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 18). Episódios que marcam relações humanas expressas por sentimentos de ódio, raiva e repulsa. Em outra cena, o personagem-narrador vai a uma festa, da qual é excluído. Lá estão presentes outros personagens e cria-se um ambiente conflituoso e não amigável.

Liza, personagem transcendente, conforme elucidada Cabral (2016) transmite de modo icônico a profunda relação entre as personagens Dostoiévskianas e o universo religioso. A aproximação de seu olhar à luz é índice dessa relação: “momento em que eu iluminara o quarto com o fósforo e vira o seu rosto pálido” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 125). O narrador-personagem paradoxalista é quem ilumina o rosto da mulher e ela lhe dará a expectativa de sua chegada em futuro encontro, já que ele lhe entrega seu endereço. Logo, o homem do subterrâneo oscila, contraditoriamente, ao pensar em Liza, por em algum momento não querer sua chegada.

Liza e o Oficial, da segunda parte da novela, são os personagens principais, juntamente com o anônimo narrador, há outros nomeados e inclusive não nomeados, sendo descritos pelos uniformes e suas características. Liza, porém, é ironicamente apresentada: “- Ali está, uma qualquer, e pergunta pelo senhor - disse, olhando-me com particular severidade, depois se afastou e deixou passar Liza. Ele não queria ir embora e examinava-nos com ar zombeteiro” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p. 133). Prostituta, será com quem fala ironicamente de amor: “o amor é um mistério de Deus e deve ser oculto de todos os olhares estranhos, aconteça o que acontecer.” (DOSTOIÉVSKI I, 2009, p. 112).

Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Brás Cubas é o narrador personagem nomeado e é o filho abastado da família Cubas. Brás Cubas é o narrador do livro que conta suas memórias, escritas após a morte, e nessa condição existencial é o responsável pela narrativa e visão do olhar dos caracteres de todos os personagens. Prudêncio é o escravo da infância de Brás Cubas. Virgília é o grande amor de Brás Cubas, sobrinha de



ministro, e a quem o pai do protagonista via como grande possibilidade de acesso, para o filho, ao mundo da política nacional. E será amante do “narrador-personagem-autor-defunto”. Marcela é a prostituta e o amor da adolescência de Brás, o pai o envia para estudar fora na tentativa de afastar o filho dos gastos com ela. Eugênia, o protagonista se interessa por ela, mas não se dispõe a levar adiante um romance, porque a garota era coxa. Nhã Lo Lô, última possibilidade de casamento para Brás Cubas, moça simples, morre de febre amarela aos 19 anos. Lobo Neves casa-se com Virgília (que será a amante de Brás Cubas) e tem carreira política sólida, mas sofre o adultério da esposa com o protagonista. Em diálogos, na casa de Brás, surge a ironia Machadiana como, por exemplo: em almoço no qual está presente a Virgília, amante de Brás, e seu marido. Já de Marcela (a prostituta) o pai tenta afastar o filho; porém, mesmo afastado, Brás não se torna um estudante empenhado. Tal a ironia: ele continua um estudante medíocre.

Quincas Borba, que é o colega de colégio e teórico do humanitismo, doutrina à qual Brás Cubas adere, morre demente. E onde se passa toda a narrativa? O Espaço? O espaço em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é narrado pelo personagem defunto que relata suas memórias do Rio de Janeiro. Chácara do Catumbi, onde viveu e morreu, os momentos da sua vida reminiscências a partir do seu óbito, ou seja, o percurso de Brás Cubas nas memórias do “Subsolo”.

Em *Memórias do Subsolo*, o espaço retratado é parte da Rússia, Petersburgo, “cidade mais abstrata e meditativa de todo o globo terrestre” (DOSTOIÉVSKI, 2009, p.18). Na parte 2. *A propósito da Neve Molhada*, o narrador-personagem retrata e rememora a neve molhada que caía em flocos, acumulando-se sob o seu casaco. (DOSTOIÉVSKI, 2009).

Considerações finais

O homem do subsolo e Brás Cubas provocam, pela condição de narradores-personagens, reflexões sobre a finitude da existência humana e os modos de se relacionar com essas questões. Dúvidas, paradoxos e interrogações que a Ciência da Religião, a Filosofia e outras áreas do saber percorrem em busca de respostas são também pensadas pela Literatura. Nela estão, por exemplo, representados por símbolos,



figuras de linguagem, ironia, a tentativa, talvez, de ilustrar a denominada “preocupação última” pela arte.

O homem do subterrâneo expõe sofrimento e, segundo Pondé (2003), a ideia de que pelo sofrimento o indivíduo desperta está na base do Cristianismo. Ao lembrar Liza, pode-se lembrar da outra prostituta de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Marcela. Ela estava presente nos amores juvenis do protagonista, Brás Cubas, que fora enviado pelo pai para estudar fora do país e se afastar dela. Ambos solitários narradores personagens, envolvidos com prostitutas, sugerem via Literatura que o amor, assim como a religião aponta para as questões que nos colocam diante dos questionamentos acerca da finitude e da infinitude. Logo, o amor também é uma questão que aponta para a religião, seja ele de todas as formas, podendo simbolizar a busca da síntese entre finitude e infinitude. Nas malhas do texto literário, seria o amor em ambos os memorialistas uma forma de apontar para a transcendência, ainda que de modo paradoxal e irônico como o é também a própria existência dos dois?

Cabral (2012) explicita que em Liza encontramos a desarticulação radical de todas as formas da existência do homem do subsolo. Liza, personagem que não é mais deste mundo com o silêncio, o olhar, a beleza. Ícone religioso desestruturador da narrativa, Liza aponta e causa uma transcendência. Abre espaço de alteridade e de desejos.

Já em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, a relação entre religião e literatura aparece não em personagens, como a Liza do subsolo, mas em explícitas citações bíblicas, do início ao final do livro, e, ainda, na temática da finitude, da morte e do amor. Segundo Proença (2012), nos romances machadianos há uma abundante utilização da Bíblia. Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, por exemplo, ela está presente do primeiro ao último capítulo.

Pôde-se notar, a partir da análise das obras, que é possível um diálogo entre literatura e religião. Há a presença da ironia em ambos os autores. Assim, evidencia-se que este artigo apresentou uma breve análise das obras literárias, atento aos episódios de ironia; mas também, à “preocupação última”, que se reverbera nas temáticas da finitude e da infinitude na existência humana. A confluência entre religião e literatura pode, assim, suscitar reflexões, favorecendo, de modo profícuo, os estudos sobre a incansável



busca humana frente às tensões que perpassam a finitude da existência à transcendência, por meio da literatura.

Referências Bibliográficas

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 39ª edição. São Paulo. Editora Cultrix, 1994.

BLOOM, Harold. **O Cânone Ocidental Os Livros e a Escola do Tempo**. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1994.

BLOOM, Harold. **Como e Por que Ler**. Tradução de José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

Disponível em: <http://lelivros.love/book/baixar-livro-como-e-por-que-ler-harold-bloom-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/> Acesso em: 28 e Julho de 2019.

BLOOM, Harold. **Gênio: Os 100 autores mais criativos da história da literatura**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

CABRAL, Jimmy Sudário; Dostoiévski- Consciência Trágica e Crítica Teológica da Modernidade – Subterrâneo, Tragédia e Negatividade Teológica. Rio de Janeiro, 2012, Tese de Doutorado, Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

CABRAL, Jimmy Sudário. Transcendência e Materialismo em Memórias do Subsolo. **Numen: revista de estudo e pesquisa da religião**, Juiz de Fora, v.19 n.1, p.163-194. 2016.

DOSTOIEVSKI, Fiódor. **Memórias do Subsolo**. Tradução, prefácio e notas Boris Schnaiderman, 6ª edição. São Paulo: Editora 34, 2009.

FRANK, Joseph. **Pelo Prisma Russo: Ensaio sobre Literatura e Cultura**. Tradução de Paula Cosx Rolim e Francisco Achcar. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo 1992.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como Analisar Narrativas**. 3ª edição. São Paulo. Editora Ática. 1995.

GUIMARÃES, Rodrigo. Memórias póstumas de Brás Cubas: a errata pensante e a reescritura dos vermes. **ITINERÁRIOS – Revista de Literatura**, 2009. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2367> Acesso em: 15 de nov. 2022.

KIERKEGAARD, Søren. **O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates**. Tradução de Álvaro Valls. Petrópolis: Vozes, 1991.



MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, São Paulo, Editora Scipione, 1994.

MADDALENO, Izabella. O diálogo do Sagrado com o literário, por meio do conto “O sermão do Diabo” do escritor Machado de Assis in CONACIR III, Interfaces entre Literatura, Religião e História. **Sacrilegens**, v. 15, n. 2, p. 189-423, jul-dez/2018. III CONACIR, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilegens/article/view/27001/18685> Acesso em: 15 nov. de 2022.

MAGALHÃES, Antonio. **Deus no Espelho das Palavras**. Teologia e literatura em diálogo. 2ª edição. São Paulo: Paulinas, 2009. (Coleção literatura e religião).

MANZATTO, Antônio. **Revista de Cultura Teológica**. V. 14 – n.55- abr/jun 2006.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1997.

PROENÇA, Paulo Sérgio. Machado de Assis em foco. **Teologia e Sociedade / Faculdade de Teologia de São Paulo / Vol. 1, nº 9** (novembro 2012). São Paulo: Pendão Real, 2012.

PROENÇA, Paulo Sérgio. Amável Formalidade: a religião em Machado de Assis. **Revista Moara – Edição 48 – ago - dez 2017**, Estudos Literários ISSN: 0104-0944. 2017.

PONDÉ, Luiz Felipe. **Crítica e Profecia: A filosofia da religião em Dostoiévski**. São Paulo: Ed. 34, 2003.

ROOS, J. Finitude, Infinitude e Sentido: Um Estudo Sobre o Conceito de Religião a Partir de Kierkegaard. **Revista Brasileira De Filosofia Da Religião**, 6(1), 10–29. (2020) Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbfr/article/view/26280> Acesso em: 08 de ago de 2021.

SANTOS, Vitor Cei. **A voluptuosidade do nada: o niilismo na prosa de Machado de Assis**. Tese (Doutorado em Estudos Literários) no programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, 2015.

SILVA, Terezinha V. Zimbrão. O Oráculo Machadiano, **Numen: revista de estudos e pesquisa da religião**, Juiz de Fora, v. 16, n.2 - 2013, p.333- p.345.

TILLICH, Paul. **Teologia da Cultura**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.